

O DESENVOLVIMENTO DAS INSTITUIÇÕES PSIQUIÁTRICAS NO RIO GRANDE DO SUL ATÉ 1950 – O QUE SABEMOS PELAS PESQUISAS HISTORIOGRÁFICAS

THE DEVELOPMENT OF PSYCHIATRIC INSTITUTIONS IN RIO GRANDE DO SUL UNTIL 1950 - WHAT WE KNOW FROM HISTORIOGRAPHICAL RESEARCH

Lisiane Ribas Cruz¹

RESUMO: O presente artigo propõe trazer à margem quais as instituições psiquiátricas fundadas até o ano 1950 no estado do Rio Grande do Sul (RS), e quais as pesquisas produzidas por historiadores de formação sobre essas instituições. Buscamos fazer essa análise por meio de duas partes: a primeira a respeito das referências historiográficas sobre o Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP) e sua formação; e a segunda parte a respeito das pesquisas acadêmicas existentes sobre as instituições psiquiátricas criadas posteriormente ao HPSP, revelando, em parte, os desdobramentos da História Psiquiátrica no RS. Esse estudo tem como objetivo fornecer subsídios para futuras pesquisas, como no caso da tese, em desenvolvimento pela mesma autora do presente trabalho, acerca da internação de crianças e jovens no HPSP na década de 30.

Palavras-chave: Instituição; psiquiatria; historiografia.

ABSTRACT: This article proposes to bring to the margin which psychiatric institutions were founded until the year 1950 in the state of Rio Grande do Sul (RS), and which researches have been produced by historians of training on these institutions. We seek to carry out this analysis through two parts: the first on the historiographical references about the Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP) and its formation; and the second part regarding the existing academic research on psychiatric institutions created after the HPSP, revealing, in part, the developments of Psychiatric History in RS. This study aims to provide subsidies for future research, as in the case of the thesis, under development by the same author of the present study, about the admission of children and young people to the HPSP in the 1930s.

Keywords: Institution; psychiatry; historiography.

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com bolsa CNPq. Possui Mestrado em História (2017) pela UNISINOS e Graduação (Licenciatura e Bacharel) em História pela Universidade La Salle (UNILASALLE, 2015). Atua como 2ª secretária do GT História e saúde da ANPUH-RS. E-mail: lisi.cruz@yahoo.com.br.

As pesquisas relacionadas à História da Loucura e da Psiquiatria são recentes e se encontram em processo de consolidação e ampliação na historiografia brasileira, bem como no Rio Grande do Sul (WADI, 2013). São poucas as pesquisas historiográficas sobre as instituições de saúde e práticas de assistência, principalmente referente ao desenvolvimento de Hospícios e Sanatórios na primeira metade do século XX.² Devido a esse cenário, um dos objetivos é apresentar a consolidação das instituições psiquiátricas no Rio Grande do Sul entre os anos de 1900 a 1950, além dos trabalhos acadêmicos produzidos por historiadores de formação existentes sobre as instituições citadas. Dessa forma, pretendemos analisar quais aspectos foram analisados e quais as lacunas deixadas pelos historiadores.

Importante ressaltar que até o presente momento não há produções em formato de artigo, monografias, dissertações e teses que tenham sido amplamente divulgados e escritos por historiadores de formação que exponham quais foram as instituições psiquiátricas existentes no Rio Grande do Sul até a década de 1950. Devido a esse contexto, acredito que o presente estudo é relevante para ampliarmos o campo de estudo sobre a história da psiquiatria tanto regional como nacional.

Após breve pesquisa no Google Acadêmico, no site Psychiatry Online Brasil e em referências bibliográficas, encontramos 11 instituições psiquiátricas existentes no estado do Rio Grande do Sul até a década de 1950, sendo as Colônias Jacuhy e Juliano Moreira e o Manicômio Judiciário, diretamente subordinadas a administração do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Além desses espaços, podemos citar o Asilo de Alienados de ambos os sexos anexa a Santa Casa de Misericórdia (antes da criação do Hospício de Alienados São Pedro); Posto de Psicopatas; Sanatório São José; Sanatório Santa Elisabeth; Sanatório Roxo, Hospital Espírita em Porto Alegre e na cidade de Pelotas, conforme podemos ver no Quadro 01.

Quadro 01 - Instituições Psiquiátricas no estado do Rio Grande do Sul

Instituição		Proprietário	Inauguração	Cidade
Asilo de Alienados de ambos os sexos anexa a Santa Casa de Misericórdia	1863	Irmandade SCMPOA	1863	Porto Alegre
Hospício de Alienados São Pedro (Atualmente Hospital Psiquiátrico São Pedro)	1879	Governo do estado	1884	Porto Alegre

2 As pesquisas sobre instituições psiquiátricas precisam de autorização pelos comitês de ética vinculados ao pesquisador e ao hospital em questão. Para isso é necessário submeter projeto e proposta pela Plataforma Brasil e aguardar o processo de aprovação. Atualmente, as instituições de saúde em sua maioria solicitam a aprovação por comitê de ética.

Manicômio do Judiciário anexo ao Hospital São Pedro (atualmente Instituto Forense Maurício Cardoso)	1925	Irmandade SCMPOA	1934	Porto Alegre
Posto de Psicopatas	1928	Prefeitura de Porto Agre	1928	Porto Alegre
Colônia Agrícola Jacuhy (extensão do Hospital Psiquiátrico São Pedro)	1915	Hospital Psiquiátrico São Pedro	1918	Jacuhy
Colônia Agrícola Juliano Moreira (extensão do Hospital Psiquiátrico São Pedro)	1928	Hospital Psiquiátrico São Pedro	1928	Porto Alegre
Sanatório São José (Atualmente Clínica São José)	1933	Jacinto e Luiz Antonio Saint Pastous Godoy	1934	Porto Alegre
Sanatório Santa Elisabeth (atualmente Lar Santa Elisabeth – asilo para idosos)	1901	Irmãs franciscanas da Penitência e da Caridade Cristã	1903	São Leopoldo
Sanatório Roxo (Atualmente Clínica Olivé Leite)	1931	Franklin Olivé Leite e Avelino Costa	1931	Pelotas
Hospital Espírita em Teresópolis	1925	Instituição Filantrópica	1946 – sede atual	Porto Alegre
Hospital Espírita	1948	Liga Espírita Pelotense	1956	Pelotas

FONTE: WALMOR (2011); CHEUCHE, [200-].

Como vimos no quadro, foram 11 instituições que auxiliaram no atendimento de alienados para todo o estado do Rio Grande do Sul, percebemos que mesmo com a criação desses espaços, não era o suficiente para evitar a superlotação no Hospital São Pedro. Para compreendermos melhor a formação das instituições psiquiátricas no Rio Grande do Sul, trago brevemente a história da formação do Hospital Psiquiátrico São Pedro e das demais instituições inauguradas até a década de

1950.

A História sobre a Loucura no Rio Grande do Sul ganhou contornos com a criação do Hospício São Pedro na segunda metade do século XIX. Anterior à criação do Hospital Psiquiátrico São Pedro, os pacientes considerados 'alienados' no Rio Grande do Sul eram tratados pelas Santas Casas de Misericórdia situadas em Porto Alegre e algumas regiões do interior do estado. Por muito tempo, as Santas Casas de Misericórdia abrigavam pessoas com doenças crônicas, tanto físicas como mentais, além de crianças abandonadas. As Santas Casas poderiam, até 1862, transferir esses pacientes para o Hospício Pedro II no Rio de Janeiro (WADI, 2002), que foi a primeira instituição psiquiátrica no Brasil, como podemos observar no Quadro 02:

Quadro 02 - Instituições Psiquiátricas no Brasil entre 1852 a 1905

Instituição	Inauguração	Local
Hospício de Pedro II	1852	Rio de Janeiro
Hospício Provisório de Alienados de São Paulo	1852	São Paulo
Hospício de Alienados de Recife-Olinda	1864	Pernambuco
Hospício de Alienados de São Paulo (Chácara da Tabatingüera)	1864	São Paulo
Hospício Provisório de Alienados	1873	Pará
Asilo de Alienados São João de Deus	1873	Bahia
Enfermaria de Alienados anexa ao Hospital São João Batista (Niterói)	1878	Rio de Janeiro
Hospício da Tamarineira	1883	Pernambuco
Hospício de Alienados São Pedro	1884	Rio Grande do Sul
Asilo de Alienados São Vicente de Paula	1886	Fortaleza

Colônias de São Bento e Conde de Mesquita (Ilha do Governador)	1890	Rio de Janeiro
Asilo de Santa Leopoldina	1891	Alagoas
Asilo de Alienados do Hospital Santa Ana	1890	João Pessoa
Hospício do Marco da Légua	1892	Belém
Hospício Eduardo Ribeiro	1894	Manaus
Hospício-colônia provisório de Sorocaba	1895	São Paulo
Hospício-colônia de Juqueri (atual Franco da Rocha)	1898	São Paulo
Hospício de Barbacena	1903	Minas Gerais
Hospício Nossa Senhora da Luz	1903	Paraná
Hospício de Alienados	1905	São Luis do Maranhão

FONTE: WALMOR, (2008).

As intendências municipais enfrentavam a dificuldade de encontrar espaço para internação das pessoas consideradas 'alienadas', ou que apresentassem deficiência física.³ A solução foi a criação de instituições, em todos os estados, que pudessem prestar devida assistência e atendimento médico. Os governadores começaram a planejar a construção de instituições especializadas no tratamento e na internação desses enfermos e, para isso, precisavam de terrenos que fossem longe das áreas urbanas (SCHIAVONI, 1997; WADI, 2009; ROSSI, 2019).

Dessa forma, além de prestar assistência aos doentes crônicos, estariam afastando das cidades os mendigos e criminosos (CUNHA, 1991; FAVARO et. al. 2005).⁴ Conforme colocado por

3 Dentro do contexto de surgimento das instituições psiquiátricas no estado do Rio Grande do Sul, José Luis Guedes, que foi Diretor do Hospital Psiquiátrico São Pedro, entre os anos de 1932 a 1937, fez uma análise em que distingue o estado da alienação e da loucura: “o alienado é “todo aquele que, por efeito de um surto mórbido que lhe atinge o psiquismo superior [consciência], se tornar inadequado, de qualquer modo, ao ambiente social em que vive”. A alienação engloba a loucura, mas não se confunde com ela: “louco é o paciente de um processo patológico ativo que lhe vai na substância cerebral, nos respectivos domínios da consciência” (KUMMER, 2010, p. 158).

4 Nas primeiras décadas do século XX, a busca por limpeza e beleza torna-se presente na sociedade sul-rio-grandense. Tornou-se constante o objetivo de civilização, progresso e ordem, para isso considerou-se necessário pelos governantes livrar-se do que era considerada desordem, sujo e ao que remetia aos tempos

Nádia Maria Weber Santos, enquanto “a preocupação dos dirigentes positivistas recaía, em termos de saúde, na questão do saneamento das cidades, a perspectiva eugenista privilegiava as práticas higiênicas moralizadoras e disciplinares” (SANTOS, 2000, p. 77- 78).

Os dirigentes da Santa Casa de Misericórdia buscaram arrecadar verba por meio de projetos para que pudessem construir a nova sede o Hospício de Alienados São Pedro.⁵ O novo espaço foi inaugurado em 1884 tornando-se a primeira instituição psiquiátrica do estado do Rio Grande do Sul (WADI, 2002; ROSSI, 2019).⁶

Segundo Renato Franco, o interesse pela história das instituições de caridade é recente, bem como os questionamentos sobre o papel por ela executado (FRANCO, 2017). Sobre processo de institucionalização psiquiátrica temos a pesquisa de Alexandre Schiavoni (1997), intitulada A institucionalização da loucura no RS: o HSP e a Faculdade de Medicina e afirma que os Hospícios eram permeados pelo discurso da medicina social. Conforme Schiavoni (1997, p. 20) “o louco será transformado em doente para a família, um perigo para o social, incapaz para a vida civil, inocente porque infantil para a justiça, e finalmente, confluyente a este processo, em objeto de trabalho para a psiquiatria” (SCHIAVONI, 1997, p. 120).

Uma das principais referências que temos sobre a formação do Hospital Psiquiátrico São Pedro, como instituição psiquiátrica, é a pesquisa de Yonissa Marmitt Wadi em Palácio para guardar doidos – Uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul, publicado em 2002, que para sua análise utilizou os relatórios, atas e falas da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, da Presidência da Província do Rio Grande do Sul e do Hospício São Pedro de 1884 a 1922, bem como os atos, decretos, regulamentos, códigos e ofícios variados do estado do Rio Grande do Sul.

Além disso, Yonissa Wadi apresenta a constituição do discurso psiquiátrico, bem como o processo de conquista do espaço institucional, nesse caso os hospícios. A autora informa que o processo de formação do Hospital Psiquiátrico São Pedro ocorreu de forma distinta em comparação ao Hospício Pedro II no Rio de Janeiro, pois no Rio Grande do Sul inexistiam Sociedades de Medicina como estavam presentes em outros estados. Dessa forma, os médicos não foram os protagonistas

coloniais e imperiais. Para isso, seguiam-se os modelos de higienização adotada nos países europeus, como as construções de instituições de alienações, os alargamentos das ruas, o comportamento disciplinado. Adota-se investimentos para as capitais brasileiras adquirem modelos parisienses (CHALHOUB, 1996; SOIHET, 2011; BECHER, 2012).

5 Devido à necessidade de criar uma instituição com estrutura para a internação de pacientes crônicos. O primeiro terreno oferecido foi ao lado do Hospital, contudo, não foi aceito, pois ficava em uma região muito próxima das habitações. A relutância do governo em construir o hospital psiquiátrico nas regiões próximas do centro da cidade revela a intenção de higienização dos espaços públicos, retirando de circulação aqueles que não eram desejados. Conforme apontado por Faturi: “A escolha do terreno está na mesma ordem das questões que envolvem o controle e disciplinamento do espaço urbano e das populações, alvos da preocupação da nascente medicina social” (FATURI, 2012, p. 19).

6 Para a criação do primeiro hospital para alienados no estado, foi escolhida a propriedade de D. Maria Clara Rabello, uma chácara localizada na Estrada do Mato Grosso, atual Avenida Bento Gonçalves, com autorização em 1879, pelo Presidente da Província Carlos Thompson Flores. O local agradou devido à abundância de água potável e ar puro. Mas, foi apenas em 1884 que a instituição foi inaugurada devido à falta de materiais para construção (KORNDÖRFER; WEBER, 2008).

no movimento que acarretou na inauguração do Hospital São Pedro, sendo que esse processo foi liderado pela Santa Casa de Misericórdia (WADI, 2002).

A partir da inauguração, os relatórios sobre a administração do Hospício São Pedro ficaram sob a responsabilidade da Santa Casa de Misericórdia até a Proclamação da República (1889); e após esse período a Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, vinculada ao governo do estado do Rio Grande do Sul, assumiu a administração (WADI, 2002; TREVIZANI, 2013). Muitos conflitos foram travados após a Proclamação da República, pois havia as influências positivistas, o anticlericalismo e a cientificidade, ocasionando falta de confiança na administração das irmãs religiosas das Santas Casas de Misericórdias existentes no país (BARREIRA et al., 2015; PERES et al. 2012).

Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, a presença de congregações cristãs nos hospitais era intensa e elas atuavam tanto nos setores administrativos como na manipulação dos remédios e atendimento ao paciente. No Hospital Psiquiátrico São Pedro tivemos a presença das religiosas da Congregação de São José de Chambery, entre os anos de 1908 até 1960, e atuavam principalmente no cuidado diário dos pacientes alienados, na administração, na farmácia e na horta.

Marcelo Xavier Parker (2012) buscou compreender a atuação das Irmãs de São José de Chambery, em sua pesquisa intitulada *A cruz no laboratório da ciência – religião e poder no Hospital Psiquiátrico São Pedro*, e utilizou da metodologia oral por meio de depoimentos da Irmã Paulina e a trajetória de Anninka, que passou pela instituição por quatro períodos.⁷ Anninka, que na primeira internação tinha 20 anos, de origem italiana, foi internada, entre idas e vindas, por mais de 38 anos. Segundo os médicos, Anninka foi diagnosticada com demência paranóide, tendo sido admitida em 1920. A religiosidade acentuada, provavelmente, foi a causa para que fosse enviada à instituição. Contudo, em seu prontuário não há relato de perturbação ou doença mental.⁸

Assim, como na pesquisa de Parker (2012), a presença de imigrantes se fez presente nas pesquisas de Zelinda Rosa Scotti em sua dissertação de mestrado (2002), intitulada *Loucas mulheres alemãs: a loucura visitada no Hospício São Pedro (1900-1925)*, sobre a internação de mulheres descendentes alemãs no Hospício São Pedro. Analisou casos de mulheres alemãs e os motivos que cercaram suas internações, como a falta de adaptação a novos modos de vida, os conflitos travados com a comunidade devido às idealizações da figura feminina germânica, a sensibilidade pelo meio hostil e do labor exaustivo expostas nas colônias de imigrantes no Rio Grande do Sul.

Sua tese de doutorado (2013) intitulada *Que loucura é essa? Loucas e loucos italianos no Hospício São Pedro em Porto Alegre/RS (1900-1925)* foi sobre a internação de homens e mulheres italianas na mesma Instituição e buscou analisar os casos datados entre os anos de 1900 a 1925. Zelinda Rosa Scotti utilizou da metodologia quantitativa em primeiro plano para extrair informações de prontuários médicos do Hospital Psiquiátrico São Pedro com o objetivo principal de comparar as internações dos imigrantes italianos com as internações dos demais pacientes. Foram pesquisados

7 Os Prontuários Médicos do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP), que estão sob a guarda do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERES), oferecem uma gama de informações que possibilitam explorar várias problemáticas.

8 Anninka: o autor utilizou de nome fictício em respeito ao acordo com o Departamento de Pesquisa do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

pela autora 1.158 documentos médicos, com o embasamento de questões teóricas como gênero, identidade e discurso médico.

Além de Zelinda Rosa Scotti, a trajetória de imigrantes também foi analisada por Yonissa Wadi, em sua pesquisa intitulada *A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura* (2009), que traz a narrativa de Pierina Cechini, habitante de uma antiga colônia italiana no Rio Grande do Sul e que foi internada no Hospício São Pedro de Porto Alegre para verificar as acusações pela justiça e comunidade de sofrer das faculdades mentais em 1909. Essa acusação foi imposta após ter sido indiciada em processo-crime, devido ter matado sua filha pequena afogada em um tonel.⁹ Após cometer infanticídio, Pierina é vista como louca e enviada para o Hospício São Pedro. Em suas cartas, enviadas à família e que nunca foram entregues, Pierina diz que não conseguia dormir porque os outros pacientes gritavam durante a noite.

Aponta Yonissa Wadi (2009) que as cartas escritas pelos pacientes, dentro do Hospital Psiquiátrico São Pedro, serviam como instrumentos de análises pelos médicos psiquiatras da instituição. Como muitas dessas cartas ficavam anexas aos prontuários, os pacientes compreendiam que estavam sendo analisados por seus escritos e, por isso, alguns escreviam frases com o intuito de conseguir a alta. Dessa forma, ressaltamos a importância das cartas como fonte de compreensão do paciente em instituições psiquiátricas, que geralmente é apresentado como sujeito passivo na História. A pesquisa sobre a trajetória de Pierina (2009) mostra-se importante para compreender a relação do crime com a loucura.

Além de Wadi (2009), sobre o uso de cartas como documento histórico, Nádia Weber dos Santos, em sua tese - *Histórias de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905/ 1920/ 1937)* - analisou três obras literárias que relatam a loucura e a internação em instituições psiquiátricas. Essas obras são o romance de Rocha Pombo *No Hospício* (1905) publicado no Rio de Janeiro, o *Diário do Hospício* de Lima Barreto, inserido na edição de sua obra inacabada *Cemitério dos Vivos*, que relata suas memórias durante uma internação no Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, em 1920, e, por último, as doze cartas de TR, um paciente internado no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre/RS, em 1937 e que começou a chamar seus próprios escritos como *Cartas de Hospício*.

O uso das cartas como fonte de análise revela sentimentos e pensamentos dos pacientes, algo que geralmente não é identificado nas documentações institucionais. Dessa forma, análise desses escritos traz para à superfície o lado humano dos pacientes e não apenas dados quantitativos. As cartas apresentam a relação entre pacientes, sistema judiciário e psiquiatria no Rio Grande do Sul no início de 1900.

Esse tipo de fonte permite perceber a visão do paciente dentro do Hospício, bem como suas

9 Ao longo da narrativa, Pierina é descrita como uma mulher melancólica e, por não aceitar a pobreza extrema da Colônia, sofria com as situações cotidianas enfrentadas. Por pedido da própria Pierina, tentaram interná-la no Hospício São Pedro, antes de cometer o crime de infanticídio. Naquele período, início de 1900, o Hospício São Pedro foi a única instituição especializada em internação psiquiátrica no RS. Na pesquisa de Wadi (2009) sobre Pierina, a autora levanta a hipótese de que muitos jovens imigrantes, quando chegavam ao Brasil, entravam em estado melancólico depressivo, possivelmente pelo impacto causado na adaptação de viver inserido em uma cultura diferente da italiana e alemã.

angústias e percepções. São poucas as fontes que permitem essa compreensão, pois a maioria das pesquisas sobre Hospitais Psiquiátricos analisam fontes institucionais como relatórios e decretos. Conforme colocado por Cunha que as pesquisas que fazem emergir o seu arquivo, significa trazer as falas desses sujeitos “apesar do esforço para aniquilar sua presença e apagar sua voz, [...] evidenciam sua resistência surda e constante, permitindo o estabelecimento de relações para as quais os historiadores estiveram muito distantes” (CUNHA, 1991, p. 126).

Na dissertação de Nádia Maria Weber Santos intitulada Necessidade de encontrar e pensar as representações simbólicas da loucura (da doença mental), em nosso meio urbano, constitutivas do imaginário social sobre a mesma, a partir das internações de pacientes no hospital psiquiátrico da cidade de Porto Alegre (capital do RS) – Hospital São Pedro de 1937 a 1950 fez-se uma análise interdisciplinar de casos psiquiátricos e busca-se compreender, por meio da Nova História Cultural e da Psicologia Analítica de C. G. Jung, as representações encontradas no imaginário dos doentes e os tratamentos no Hospital Psiquiátrico São Pedro. A autora tem formação na área da enfermagem, medicina e psiquiatria, contudo tanto sua dissertação e tese foram defendidas pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A autora mostra as possibilidades de analisar a História da Psiquiatria com embasamento nos estudos de outras áreas por meio do viés interdisciplinar.

Podem ser poucos estudos realizados no âmbito da historiografia, contudo, outras disciplinas vêm se debruçando sobre a História do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Entre essas áreas podemos citar a psicologia com a obra de Tiago Marcelo Trevizani intitulada Camisa de força para menores: a patologização de crianças e adolescentes (Hospício São Pedro, 1884-1929) referente à internação de crianças e jovens. E ao núcleo de pesquisa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul com a professora Rosane Neves da Silva (et al.) com o artigo As patologias nos modos de ser criança e adolescente: análise das internações no Hospital Psiquiátrico São Pedro entre 1884 e 1937 publicado em 2008. Outras áreas que podemos citar são a enfermagem, ciências sociais e a psiquiatria. Acreditamos na importância de citar trabalhos de outras disciplinas, pois o método interdisciplinar contribui para o diálogo mais amplo e uma melhor compreensão das vivências dos pacientes dentro das instituições psiquiátricas. Contudo, o objetivo desse artigo é analisar as principais obras produzidas por historiadores e, por isso, não adentraremos nas pesquisas de autores com formação em outras áreas.

Importante ressaltar que tanto Yonissa Marmitt Wadi, como Nádia Maria Weber Santos, publicaram diversos artigos sobre temas relacionados ao Hospital Psiquiátrico São Pedro. Não conseguiremos nesse presente artigo mencionar todos os títulos desse vasto número de artigos, porém, em sua maioria abordam os aspectos de gênero, imigração, sensibilidades e narrativas.

Retornando ao desenvolvimento da psiquiatria no Rio Grande do Sul, algumas instituições foram criadas com o intuito de diminuir a espera desses pacientes nas cadeias municipais por uma vaga na única instituição psiquiátrica existente até então. Antes de adentrarmos as instituições psiquiátricas posteriores ao Hospital Psiquiátrico São Pedro, torna-se relevante compreender as circunstâncias e os processos legislativos que levaram à criação de novas instituições.

A superlotação foi um problema constante enfrentado pelo Hospital Psiquiátrico São Pedro

desde sua fundação. Muitos pacientes eram encaminhados de forma inadequada pelas autoridades policiais das diversas regiões do estado. Alguns eram internados sem dados de identificação e sem acompanhantes. Além de a instituição mostrar-se incapaz de receber mais pacientes, as pessoas consideradas 'loucas' esperavam nas cadeias regionais, a espera de uma condução que as levasse para a capital a fim de serem internadas (WADI, 2002; KORNDÖRFER; WEBER, 2008).

Para resolver os problemas de superlotação do Hospital Psiquiátrico São Pedro, foram criados alguns espaços públicos que serviam como extensões do Hospital, pois deveriam ser supervisionados e tratados pelos funcionários e médicos da instituição. Nesse caso, citamos as Colônias Jacuhy e Juliano Moreira: Para a criação da Colônia do Jacuhy, adquiriu-se uma ex-charqueada A Meridional, no município São Jerônimo. A Colônia foi fundada por meio do Decreto nº 2.144 de 03 de Julho de 1915. Contudo a construção apenas iniciou em 1918 quando foi prevista verba no orçamento público estadual. A intenção era enviar para a colônia apenas os pacientes que estivessem aptos ao trabalho, não sendo transferidos, do Hospício São Pedro, os "chamados criminosos" (CHEUICHE).

Jacintho Godoy, em 1928, criou próxima ao São Pedro uma nova colônia, pois achava a Colônia Jacuhy muito afastada da capital e com problemas de abastecimentos de alimentos. Contudo, o estabelecimento funcionou até o ano de 1937 no bairro Partenon, em terreno atrás das dependências do Hospital São Pedro, foi criada a colônia Juliano Moreira para receber alguns dos pacientes já internados na Instituição (KORNDÖRFER; WEBER, 2008). Referente à Colônia Jacuhy e a Juliano Moreira, que faziam parte da administração do Hospital São Pedro, não há até o presente momento, produções acadêmicas que analisem exclusivamente essas colônias.

A construção de novos espaços de internação começou após a Regulamentação da Assistência a "alienados" no Rio Grande do Sul que ocorreu pelo Decreto 3.353, de 15 de agosto de 1924, que determinava que os pacientes fossem tratados pelo Hospital São Pedro (HSP), pelo Manicômio Judiciário e por instituições privadas fiscalizadas pelo estado. Todas as novas instituições de psiquiatria no estado estariam sob a responsabilidade do diretor de assistência a alienados a partir de 1926, sendo seu primeiro representante o médico Jacintho Godoy (KUMMER, 2010).¹⁰ Essas pessoas 'alienadas', quando acompanhados pelos intendentess municipais, necessitavam esperar na cadeia a emissão de uma guia pelo Secretário de Interior e Exterior para conseguirem a internação. Contudo, esse processo era muito demorado devido à superlotação do Hospital Psiquiátrico São Pedro, gerando assim uma espera longa por parte dos pacientes em celas e sem atendimento médico (FATURI, 2012). Dessa forma, a regulamentação tentava impedir a passagem dos 'alienados' pelas cadeias da polícia, antes de serem conduzidos para o Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Segundo Zelinda Scotti (2013), no regulamento do Hospício São Pedro consta a necessidade de requisição do chefe de polícia, mesmo se a internação fosse da vontade dos familiares do paciente. Sendo assim, a maioria dos pacientes até 1925 precisavam passar por autorizações dos seguintes setores: "Intendência – Chefatura de Polícia – Gabinete Médico-legal – Chefatura – Hospício São Pedro" (SCOTTI, 2013, p. 71). Conforme o regulamento do Hospital Psiquiátrico São Pedro datado

10 Os diretores do Hospital Psiquiátrico São Pedro entre o ano de criação até 1950 foram: Carlos Lisboa (1884 – 1888); Olinto de Oliveira (1888 -1889); Francisco Dias de Castro (1889- 1901); Tristão de Oliveira Torres (1901 – 1908); Deoclécio Pereira (1908 – 1924); José Carlos Ferreira (1924 -1926); Jacintho Godoy Gomes (1937 – 1951).

em 1903:

Da admissão e saída dos alienados

Art. 4.º - Ninguém poderá ser recolhido ao hospício S. Pedro [somente] em virtude de autorização do diretor, mediante requerimento de pessoa legítima, ou por efeito de requisição de autoridade competente.

§ 1.º São competentes para requisitar: o secretário do interior e exterior, o chefe de polícia e o juiz de órfãos desta capital; as autoridades residentes nos outros municípios do Estado só poderão requisitar por intermédio do chefe de polícia; se o alienado for militar, a requisição partirá de seu superior autorizado. Essas requisições deverão ser acompanhadas de uma guia contendo o nome, filiação, idade, sexo, residência, naturalidade, cor, profissão, bem como de pareceres médicos ou documentos de interdição, se os houver, e na falta deles, da exposição minuciosa dos fatos que motivaram a reclusão.

§ 2.º são competentes para requerer: o ascendente ou descendente; um dos cônjuges; o tutor ou curador; o chefe da corporação religiosa ou de beneficência.

Leis, Decretos e Actos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1903. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas de "O Independente", 1909. Pp. 127 – 128.

Daiane Silveira Rossi (2019) afirma que havia intercâmbio entre as instituições de saúde no Rio Grande do Sul, pois os intendentess municipais enviavam os pacientes crônicos para as instituições localizadas em Porto Alegre, onde haveria mais estrutura e espaço, como o Hospício, a Santa Casa e Abrigo de Mendigos. Dessa forma, criava-se uma rede de assistência à pobreza (2019, p. 195). Segundo a mesma autora, havia o receio dos hospitais no interior do estado de tornarem-se asilo de inválidos e, por isso, algumas instituições de saúde, como o Hospital de Caridade de Santa Maria, em 1904, não toleravam pessoas cegas, com doenças mentais ou incuráveis (ROSSI, 2019).

Como mencionado, entre os anos de 1900 a 1950 algumas instituições de psiquiatria foram criadas no Rio Grande do Sul a fim de proporcionar uma alternativa melhor do que a longa espera nas cadeias municipais e a transferência desses pacientes para a capital. O Decreto 131, de 15 de maio de 1928, autorizava a criação do Posto de Psychopatas, permitindo o recebimento de pessoas com 'moléstias mentais' antes da internação no Hospital Psiquiátrico São Pedro e expostos aos primeiros cuidados médicos.¹¹ A construção do Posto de Psychopatas permitiu efetivamente que se diminuísse o número de pessoas aguardando pela internação no Hospital Psiquiátrico São Pedro em celas de polícia, tanto em Porto Alegre como em outros municípios.

Segundo Fábio Rosa Faturi (2012), o Posto funcionava nas imediações da Assistência Pública Municipal, anexa à garagem do serviço de ambulâncias da capital e do departamento de Limpeza Pública no Estado. Sua estrutura era composta por uma cozinha, recepção para o atendimento de familiares e duas alas, uma destinada às mulheres e a outras aos pacientes homens. Contudo, em 1938 suas funções foram transferidas para o Hospital São Pedro e a instituição fechada sem justificativa.¹²

11 No Decreto Federal nº 8. 834 de 1911 que reorganizava a assistência aos alienados no país definiu o conceito de psicopata para indicar aqueles que eram portadores de transtornos mentais ao invés de ser chamado de alienado (CANABRAVA et al. 2010, p. 174). Já o decreto nº 5. 148 de 1927 fazia distinção entre os termos: "Psicopata" se referia a todo doente mental, e "alienado", correspondia ao doente mental perigoso para si ou para a sociedade, sujeito a restrições penais ou civis" (CANABRAVA et al. 2010, p. 174). Portanto, o termo psicopata possuía um sentido mais abrangente que alienado" (FATURI, 2012, p. 23).

12 O ato de levar pessoas em 'surto psicótico' aos postos policiais era considerado procedimento comum até as primeiras décadas do século XX em todas regiões do Brasil. Jacintho Godoy (1955), relata que entre os anos de 1913 e 1924, período em que atuou como médico legista, vivenciou o atendimento de pessoas 'psycopatas'

O trabalho historiográfico que temos sobre “O Posto de Psicopatas” é de Fábio Rosa Faturi em sua monografia que analisou a instituição entre os anos de 1928 a 1938. Para sua análise o autor utilizou os Relatórios da Diretoria de Assistência Pública Municipal que estão sobre a guarda do Arquivo Histórico de Porto Alegre – Moisés Velinho.

Segundo o autor, o Posto de Psicopatas foi inspirado na enfermaria do depósito da Prefeitura de Paris, que por sua vez teve suas características registradas pelos médicos franceses que estiveram presente nos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial (GODOY, 1955). Durante o conflito, a enfermaria do depósito da Prefeitura de Paris prestou assistência aos soldados que apresentavam sinais de ‘alienação’ ou que passavam por algum tipo de ‘surto psicótico’ (FATURI, 2012).

Outra instituição criada, mas subordinada a administração do Hospital São Pedro, foi o Manicômio Judiciário (atualmente Instituto Psiquiátrico Forense Maurício Cardoso).¹³ A instituição foi criada em 1925, mas seus primeiros anos de funcionamento ocorreram nos estabelecimentos do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Apenas entre os anos de 1937 e 1939 foi criado seu próprio edifício em propriedade ao lado de sua instituição de origem. A diferença do Manicômio Judiciário para as outras instituições psiquiátricas era a atmosfera de sistema prisional, pois, além dos enfermeiros e médicos, lá trabalhavam guardas vigilantes tornando o lugar quase uma extensão da Casa de Correção (WADI, 2002).¹⁴ Jacintho Godoy (1955) em seu livro *Psiquiatria no Rio Grande do Sul* aponta que a instituição servia para investigações periciais e quando a justiça solicitasse investigação de doença mental. Contudo, não servia apenas para analisar pessoas ditas “criminosas”, mas aquelas trazidas pela chefatura de polícia que poderiam ser pessoas pobres, mendigos e crianças que eram encontradas nas ruas.

Por meio de técnicas de identificação, que segundo Schwarcz (1993, p. 48) eram “teorias que passavam a interpretar a capacidade humana tomando em conta o tamanho e proporção do cérebro dos diferentes povos”. A criação do perfil do alienado e do criminoso era justificada pelo conhecimento supostamente neutro, ou seja, pela medicina. Lizete Oliveira Kummer, em sua pesquisa intitulada *A psiquiatria forense e o Manicômio Judiciário do Rio Grande do Sul: 1925 – 1941*, mencionou que “no caso da medicina e da biologia, as diferenças e desigualdades sociais foram muitas vezes ‘naturalizadas’ em nome deste processo de suposta neutralidade” (2010, p. 29).

Sérgio Carrara (1988) pesquisou sobre o primeiro manicômio judiciário, localizado no Rio de Janeiro e, segundo ele, as pessoas consideradas loucas, muitas vezes, se tornaram alvo de avaliação moral por parte da sociedade que a rodeava. Eram encaradas como pessoas de caráter cruel e agressivo, sem perceberem que muitos desses eram vítimas inocentes de uma perturbação mental” (CARRARA, 1988, p. 74).

Gabrielle Werenicz Alves em *Políticas de saúde pública no Rio Grande do Sul – continuidades*

em postos policiais, xadrezes da chefatura de polícia antes de serem encaminhadas para o Hospício São Pedro.
13 O Código Penal de 1890, precisamente os artigos 27 e 29, determinaram que os loucos não pudessem ser criminalmente responsabilizados, mas sim enviadas para hospitais especializados ou mantidos com familiares ou tutores. Entretanto, os estados enfrentavam dificuldades em cumprir as determinações do Código Penal, pois faltando-lhe estrutura adequada como os hospícios e demais instituições de correção (KUMMER, 2010).
14 O Decreto 6. 880, de 7 de dezembro e 1937, estabelece que o Manicômio Judiciário seria arreatado da Assistência a Alienados para um a Chefatura de Polícia (WADI, 2002).

e transformações na Era Vargas (2011), afirma que para tentar amenizar a superlotação do Hospital São Pedro, foi criado em 1938 o Serviço de Profilaxia Mental, chamado também de Serviço Aberto, o que consistia num ambulatório para tratamento de doentes. Nesse local trabalhava a Junta Médica Neuropsiquiátrica, que ficava responsável pelos exames de saúde para ingressos, licenças e aposentadorias de funcionários públicos.

Percebemos, até então, que o estado permitiu a tentativa de criar outros setores que pudessem atender os alienados para poupá-los das cadeias municipais e da superlotação existente no Hospital Psiquiátrico São Pedro. Contudo, essas outras instituições que surgiram, eram particulares e, segundo as publicações existentes, esses espaços apresentavam ter uma reputação diferente em comparação ao Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Por ser uma clínica psiquiátrica particular, o Sanatório São José mantinha reputação diferente do que o Hospital São Pedro, o que acabava refletindo também na reputação dos pacientes. Como lugar afastado e arborizado, o Sanatório São José recebeu pessoas que queriam estar em férias. Também serviu de local para que homens, quando precisassem viajar, pudessem deixar suas esposas aos cuidados da direção da Clínica, como forma de manter a reputação da família e evitar comentários de outras pessoas a respeito de uma mulher longe dos cuidados do marido ou de uma figura paterna (FATURI, 2015).¹⁵

Única referência historiográfica que temos sobre o Sanatório São José é a dissertação de Fabio Rosa Faturi, em que Sanatório São José: o poder e as práticas da psiquiatria em uma instituição privada – Porto Alegre/RS (1934-1954), disserta sobre a consolidação e desenvolvimento daquela Instituição Psiquiátrica e sua ligação ao Hospital Psiquiátrico São Pedro.¹⁶ Em sua pesquisa, o autor aborda os princípios da institucionalização da psiquiatria no Rio Grande do Sul que levaram à criação da instituição psiquiátrica privada; a administração e a sociedade São José; quem foram os profissionais relacionados à psiquiatria, a internação como exercício de poder e as práticas terapêuticas, como a Clinoterapia, Hidroterapia, Malarioterapia, Eletrochoque e Insulinoterapia.¹⁷

Não sabemos sobre a existência de outras instituições psiquiátricas que foram criadas até 1950 e que não tenham sido mencionadas no Quadro 01 do presente artigo. Contudo, não descartamos a possibilidade, pois devido à falta de referências bibliográficas, pode a documentação não ter

15 O Sanatório na Avenida Oscar, no Bairro Glória em Porto Alegre, servia também como espaço de repouso para as irmãs religiosas que exerciam a enfermagem no Hospital São Pedro, pois trabalhavam em período integral. Como os aposentos particulares eram dentro da instituição, poderiam ser chamadas para resolver alguma situação com os pacientes mesmo à noite. Devido a isso, era permitido que as irmãs passassem alguns períodos no Sanatório São José com o intuito de descansar (PARKER, 2012).

16 O Sanatório São José surgiu a partir da sugestão de Madre François Salles da Congregação de São José. Em 1932, o Sanatório começou a ser idealizado com a compra de uma chácara pela Sociedade São José LTDA. Essa chácara era propriedade, até então, de Cecília Corseuil Du Pasquier, que após sua morte, a propriedade permaneceu sendo conservada por seu esposo - Ivo Corseuil. Além do local manter fontes de água de boa qualidade e bem arborizado, já tinha alguns pavilhões que antes eram destinados aos alunos de Cecília e Ivo. Utilizando já as instalações existentes, em 1934 o Sanatório São José recebeu seu primeiro paciente. Atualmente a instituição passou a ser chamada de Clínica São José sendo administrada pela família Godoy (FATURI, 2015).

17 Conforme Fabio Rosa Faturi, para desenvolver pesquisa acadêmica utilizando das fontes da Clínica São José, é necessário solicitar acesso aos diretores da instituição para ter acesso à documentação.

resistido ao tempo ou ainda não ter sido divulgada em pesquisas. Como citado anteriormente, algumas instituições, principalmente nas regiões do interior do estado, são mencionadas em trabalhos acadêmicos que são referentes a outras áreas, mas que não foram trabalhadas por meio da análise histórica.

Entre essas regiões, podemos citar São Leopoldo, município situado na região metropolitana de Porto Alegre, local onde foi criado o Sanatório Santa Elisabeth, instituição particular e, que atendendo, primeiramente, como Hospital Geral e que se manteve como clínica psiquiátrica por várias décadas após 1920. Nos prontuários de internos do Hospital São Pedro está registrado a informação que alguns pacientes estiveram por um curto período no Sanatório Santa Elisabeth.¹⁸

O Hospital Geral foi inaugurado como Sanatório Santa Elisabeth em 1913, com o funcionamento de uma clínica psiquiátrica. A instituição manteve a psiquiatria como atendimento principal, e as atividades como Hospital Geral foram diminuindo até serem encerradas em 1922. O Sanatório Santa Elisabeth permaneceu como Clínica Psiquiátrica até 1983 e a partir desse momento a instituição foi nomeada como Lar Santa Elisabeth e suas atividades na psiquiatria encerradas, passando apenas a atender pessoas com mais de 60 anos de idade. Atualmente a instituição particular serve como asilo para idosos (BECKER, 2015).

Os únicos trabalhos acadêmicos localizados no Google Acadêmico e que falam sobre o Sanatório Elisabeth são às pesquisas na área de Gerontologia de Rosa Maria Becker (2015), sobre o atendimento psicológico grupal no atual Lar Santa Elisabeth e de Leonardo Alberto Corá Silva (2017) sobre o Centro Histórico de São Leopoldo publicado como dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo, sendo que ambos os trabalhos foram frutos de pesquisa em parceria com a Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Além da instituição citada acima, o Sanatório Dr. Henrique Roxo em Pelotas não tem, até o presente momento, pesquisas realizadas por historiadores. Localizamos informações sobre sua história na pesquisa realizada por Rosi Marrero Duarte que, em sua dissertação de Mestrado em Antropologia sobre a Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas, defendida pela Universidade Federal de Pelotas, mencionou a trajetória da instituição.

O Sanatório Dr. Henrique Roxo foi fundado em 1931, na cidade de Pelotas, por Franklin Olivé Leite e Avelino Costa, a propriedade costumava ser o antigo Hospital Geral Dr. Velloso. Em 1938, o Hospital recebe outra sede construída por Franklin Olivé Leite, próximo ao Sanatório Dr. Henrique Roxo. Em 1971, permanece a sede construída por Franklin Olivé Leite, mas reinaugurado como Clínica Olivé Leite e administrado por seu filho, Sérgio Olivé Leite com suas irmãs. Suas atividades foram encerradas em 2004, após não conseguir convênio com o Sistema Único de Saúde (SUS) (DUARTE, 2017).

Além das instituições mencionadas, sobre o Hospital Espírita em Pelotas não existe até o momento trabalhos acadêmicos sobre a instituição, mas foi mencionado pelo historiador formado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) Marcelo Freitas Gil, na pesquisa intitulada como o

18 O início do Lar Santa Elisabeth foi em 1901, como Hospital Geral, primeira instituição dessa natureza na região de São Leopoldo e está localizado no Morro do Alverne, propriedade e administração das Irmãs Franciscanas e da Igreja Católica. Essa propriedade tem como ocupação atualmente o Lar Santa Elisabeth; O Colégio São José; Pensionato São José e o Retiro (SILVA, 2017).

Movimento Espírita Pelotense e suas raízes sócio – históricas e culturais (2008) e defendida como dissertação de mestrado em Ciências Sociais e que analisa o movimento espírita na região de Pelotas – RS.

O Hospital Espírita de Pelotas começou sua construção em 1948, com iniciativa da Liga Espírita Pelotense. Após adquirirem terreno doado pela Prefeitura Municipal de Pelotas, de natureza filantrópica, sua sede ficou pronta em 1956, sendo inaugurado como Sanatório Espírita de Pelotas (HEP) (GIL, 2008). Com a Reforma antimanicomial em 1990, a instituição passou a ser chamada de Hospital Espírita de Pelotas. Segundo o autor (2008), a iniciativa do grupo espírita na construção de uma instituição psiquiátrica foi pelo sentimento de inconformidade sentido pelos integrantes da Liga ao estarem cientes que muitos ditos 'alienados' eram mantidos na cadeia pública de Pelotas até serem enviados para o Hospital São Pedro em Porto Alegre.

No Rio Grande do Sul, nesse período havia dois Hospitais Espíritas: a já mencionada Instituição em Pelotas e o Hospital Espírita de Porto Alegre, que também não foi contemplado por uma produção historiográfica exclusivamente sobre esse tema. Gabrielle Wenericz Alves (2008) descreve a trajetória do Hospital Espírita de Porto Alegre no livro Instituições de Saúde de Porto Alegre – Inventário, obra essa organizada por Beatriz Weber e Juliane Serres. Contudo, até o presente momento não foram concluídas pesquisas e publicações acadêmicas cujo tema central fosse o Hospital Espírita de Porto Alegre.

O Hospital Espírita de Porto Alegre foi idealizado em 1912 pelo médico Oscar Pithan e pelos frequentadores da Sociedade Espírita de Allan Kardec também com sede na mesma cidade. A primeira sede teve início em 1926, com terreno que foi doado por Maria Mostardeiro, espaço localizado na estrada Caminho do Meio (esquina com a rua Maia, atual Protásio Alves). Em 1938, foi idealizada a construção de uma sede maior, devido o número elevado de procuras por atendimento na Instituição. Após campanhas de doações, foi resolvido que a construção seria no terreno de 06 hectares na encosta do Morro Teresópolis, bairro na região sul de Porto Alegre. A construção da nova sede começou no ano de 1940 e foi inaugurada um ano depois com cento e vinte leitos (ALVES, 2008).

A História da Loucura no Rio Grande do Sul é um campo ainda a ser explorado por historiadores em diversos aspectos. Não existem pesquisas historiográficas que falem diretamente sobre o Sanatório Elisabeth em São Leopoldo, o Sanatório Roxo em Pelotas, os Hospitais Espíritas de Pelotas e Porto Alegre. A história dessas instituições foi mencionada em pesquisas de outras áreas que não estudavam a sua trajetória como instituição. O Sanatório São José (atualmente Asilo São José) foi contemplado em apenas um trabalho historiográfico. Esses trabalhos trazem principalmente o desenvolvimento institucional desses espaços de internação. Contudo, há vários assuntos que podem ainda ser analisados e contribuir com a História da Loucura no Rio Grande do Sul.

Percebemos que, até o presente momento, existiram instituições psiquiátricas no Rio Grande do Sul que não foram analisadas por historiadores. Apenas sabemos poucos dados sobre a formação dessas instituições, revelando que é um campo ainda a ser desenvolvido.

Uma das dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores é a falta de fontes disponíveis. Como muitas dessas instituições não permaneceram em funcionamento até os dias atuais, muitos arquivos

foram destruídos ao longo do tempo. Além disso, todas as pesquisas que analisam documentações de Instituições de Saúde precisam de aprovação em Comitê de Ética, que acaba distanciando muitos pesquisadores da pesquisa sobre Hospitais Psiquiátricos devido à demora de conseguir a autorização.

Essa demora para conseguir autorização dos Comitês de Ética em muito ocorre devido os pesquisadores dos cursos de humanas, como a História, não estarem habituados aos trâmites necessários para conseguir aprovação, bem como os integrantes dos Comitês de Ética, que muitas vezes não sabem como proceder diante de uma pesquisa historiográfica, já que analisam, geralmente, pesquisas de outras áreas como da Saúde e do Direito. Acredito que o desenvolvimento de futuros trabalhos na área da História da Saúde diminuirá essas dificuldades de comunicação entre historiadores e os integrantes dos Comitês.

A maioria das pesquisas historiográficas até o presente momento reflete aspectos relacionados ao Hospital Psiquiátrico São Pedro. Essas pesquisas analisam a formação institucional, a imigração italiana e alemã, as internações de mulheres e narrativas por meio de documentos escritos por pacientes e depoimentos. Contudo, destacamos aqui apenas os aspectos mais observados. As pesquisas que trouxemos no presente artigo apresentam uma gama maior de assuntos, como as sensibilidades e os tratamentos propostos pelos médicos.

Por último, percebemos que algumas instituições, como os Hospitais Espíritas em Porto Alegre e Pelotas, não foram contemplados em pesquisas acadêmicas. Novamente, cito as dificuldades que os historiadores precisam enfrentar para acessar os documentos institucionais e prontuários médicos. Além da necessidade de as fontes estarem bem conservadas, da dificuldade de conseguir autorização para as pesquisas das instituições de saúde e a aproximação entre historiadores e os comitês de ética e suas ferramentas.

Consideramos que a História da Loucura no estado do Rio Grande do Sul foi pouco explorada e algumas instituições não foram analisadas por nenhum historiador de formação. Para uma melhor compreensão do desenvolvimento da psiquiatria e do processo institucional, será necessário pensarmos em propostas que contemplem a documentação de instituições psiquiátricas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gabrielle Werenicz. **Hospital Espírita de Porto Alegre**. In: WEBER; B. T.; SERRES, J. C. P. Instituições de Saúde de Porto Alegre – Inventário. Porto Alegre: IDEOGRAF, 2008.

BARREIRA, Ieda de Alencar et al. **Primeira República: A implantação da enfermagem laica e seus desdobramentos (1889-1930)**. In: PADILHA, Maria Itayra. Enfermagem: história de uma profissão. 2. ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2015. p. 225 – 252.

BECHER, Franciele. **O “perigo moral” em tempos de segurança nacional: políticas públicas e minoridade em Caxias do Sul – RS (1962-1992)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BECKER, Rosa Maria. **Cuidando cuidadores de idosos: atendimento psicológico grupal em uma**

instituição de longa permanência para idosos. Projeto de Intervenção. Monografia (Especialização em Gerontologia Interventiva) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

CANABRAVA, Danielly de Souza et al. **Tratamento em saúde mental:** estudo documental da legislação federal do surgimento do Brasil até 1934. Rev. Eletr. Enf., Goiás, v. 12, n. 1, p. 170-176, 2010. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/revista/v12/n1/pdf/v12n1a21.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2019.

CARRARA, Sérgio. **Crime e loucura.** O aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século. Rio de Janeiro: Eduerj; São Paulo: Edusp, 1988.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril.** Cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHEUICHE, Edson. **Fragmentos históricos na formação do Hospital Psiquiátrico São Pedro em Porto Alegre.** [S.l: s.n.], [200-]. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/acshospitais/fragmentos-histicos-da-criao-e-inaugurao-do-hpsp>. Acesso em: 28 dez. 2019.

CUNHA, Márcia. **O espelho do Mundo:** Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DUARTE, Rosi Marrero. **Lembrar é resistir:** Uma etnografia com a AUSSMPE – Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

FATURI, Fábio Rosa. **O posto de Psicopatas de Porto Alegre (1928 – 1938).** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FATURI, Fábio Rosa. **O Sanatório São José:** poder, saberes e práticas da Psiquiatria em uma instituição privada – Porto Alegre (1934-1954). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FAVARO, Cleci Eulalia; ÁVILA, Adriana Lopes; PEDROSO, Wagner. **Industrialização, urbanização e disciplinamento.** O discurso moral como justificativa dos internamentos de homens e mulheres em uma instituição psiquiátrica (Hospital São Pedro, Porto Alegre, 1930 – 1947). História Unisinos, São Leopoldo, v. 9, n. 2, maio/ago., 2005.

FRANCO, Renato. Prefácio – **Por uma morfologia da caridade.** In: KORNDÖRFER, Ana Paula; BRUM, Cristiano Enrique de; ROSSI, Daiane Silveira; FLECK, Eliane Cristina Deckmann; QUEVEDO, Éverton Reis. História da assistência à saúde e à pobreza: olhares sobre suas instituições e seus atores. São Leopoldo: OIKOS, 2017.

GIL, Marcelo Freitas. **O Movimento Espírita Pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

GODOY, Jacintho. **Psiquiatria no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: S.n., 1955.

KORNDÖRFER, Ana Paula; WEBER, Beatriz Teixeira. **Hospital Psiquiátrico São Pedro.** In: WEBER, Beatriz Teixeira; SERRES, Juliane C. Primon (Org.). Instituições de Saúde de Porto Alegre – Inventário. Porto Alegre: Ideograf, 2008.

KUMMER, Lizete Oliveira. **A psiquiatria forense e o Manicômio Judiciário do Rio Grande do Sul:** 1925-1941. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PARKER, Marcelo Xavier. **A cruz no laboratório da ciência** – religião e poder no hospital psiquiátrico São Pedro. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

PERES, Maria Angélica de Almeida et al. **O ensino da psiquiatria e o poder disciplinar da enfermagem religiosa:** o hospício de Pedro II no Segundo Reinado. *Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, v. 20, n. 4, p. 700 – 708, out./dez. 2011.

ROSSI, Daiane Silveira. **Assistência à saúde e à pobreza no interior do sul do Brasil (1903 – 1913).** Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Nádia Maria Weber. **“Uma luz que vinha da rua”:** novos apontamentos de pesquisa para a História das Sensibilidades – práticas de exclusão de mulheres, imaginário religioso e loucura. *Tempos Gerais*, São João del-Rei, n. 2, p. 105-125, 2015.

SANTOS, Nádia Maria Weber. **A Tênu fronteira entre a saúde e a doença mental:** um estudo de casos psiquiátricos à luz da nova história cultural (1937 – 1950). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

SANTOS, Nádia Maria Weber. **Histórias de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905/ 1920/ 1937).** Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SCHIAVONI, Alexandre. **A institucionalização da loucura no RS:** o HSP e a Faculdade de Medicina. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 - 1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTTI, Zelinda Rosa. **Loucas mulheres alemãs:** a loucura visitada no Hospício São Pedro (1900-1925). Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SCOTTI, Zelinda Rosa. **Que loucura é essa?** Loucas e loucos italianos no hospício São Pedro em Porto Alegre/RS (1900-1925). Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SERRES, Juliane C. Primon. **Alguns elementos para pensar as instituições hospitalares do Rio Grande do Sul como Patrimônio Cultural da Saúde.** In: SCHWARTSMANN, Leonor Baptista et. al. (Org.). *Saúde tem história: narrativas no Centro Histórico Cultural Santa Casa de Porto Alegre.* Porto Alegre: ISCMPA, 2018.

SILVA, Leonardo Alberto Corá. **O Centro Histórico de São Leopoldo e a paisagem cultural:** Reflexões sobre um conceito de preservação aplicado a uma cidade de porte médico. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

SILVA, Rosane Nevesa da et al. **As patologias nos modos de ser criança e adolescente:** análise das internações no Hospital Psiquiátrico São Pedro entre 1884 e 1937. *PSICO*, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 448-455, out./dez. 2008.

SOIHET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano.** In: PRIORE, Mary Del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord.). *História das Mulheres no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

TREVIZANI, Tiago Marcelo. **Camisa de força para menores:** a patologização de crianças e adolescentes (Hospício São Pedro, 1884-1929). Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

WADI, Marmitt Yonissa. **Palácio para guardar doidos:** uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

WADI, Yonissa Marmitt. **Olhares sobre a loucura e a psiquiatria:** um balanço da produção de teses e dissertações (Brasil, 1980 – 2011). Simpósio Nacional de História, 27., Natal. Anais... Natal: ANPUH, 2013.

WADI, Yonissa Marmitt. **Uma história da loucura no Tempo Presente:** os caminhos da assistência e da Reforma Psiquiátrica no Estado do Paraná. *Tempo e Argumento. Revista do Programa de Pós Graduação em História, Florianópolis*, v. 01, n. 01, p. 68 – 98, jan./jun. 2009.

WADI, Yonissa, Marmitt. **A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura.** Uberlândia: EDUFU, 2009. v. 01.

WALMOR, J. Piccinini. **Fragmentos da História da Psiquiatria no Rio Grande do Sul.** *Psychiatry online Brasil*, v. 16, n. 11. nov. 2011. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano08/wal1208.php>. Acesso em: 28 dez. 2019.

WALMOR, J. Piccinini. **Internamento psiquiátrico:** a experiência do Rio Grande do Sul. *Psychiatry online Brasil*, v. 13, n. 12, dez. 2008. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano08/wal1208.php>. Acesso em: 28 dez. 2019.

Recebido em: 30 de janeiro de 2020.

Aprovado em: 29 de abril de 2020.

